

Alerta de falta de diesel preocupa setor produtivo

Produtores relatam dificuldade de entrega de diesel em meio à colheita

Dário Gonçalves

dario.goncalves@gruposinos.com.br

Relatos de dificuldades na entrega de óleo diesel a produtores rurais do Rio Grande do Sul acenderam um alerta entre entidades do agronegócio e da indústria. Produtores e organizações do setor relatam o cancelamento de pedidos de combustível e aumento repentino no preço do produto, enquanto a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) sustenta que o Estado possui estoques suficientes para garantir o abastecimento regular.

O tema ganhou força justamente no momento em que o Estado está em plena colheita da safra de verão, especialmente de arroz e soja, período em que a demanda por diesel aumenta para o funcionamento de máquinas agrícolas e para o transporte da produção.

Entidades do setor agropecuário relatam que produtores enfrentam dificuldades para receber combustível já encomendado. Segundo a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), há reclamações recorrentes

sobre a não entrega de diesel por parte de transportadores revendedores retalhistas (TRRs) nas propriedades rurais.

Empresas do segmento de TRR, que compram combustível das distribuidoras e vendem para fazendas, indústrias e transportadoras, também relatam dificuldades de acesso ao produto.

Segundo representantes do setor, a estratégia tem sido fracionar as entregas para evitar que clientes fiquem totalmente sem abastecimento, especialmente em regiões com forte atividade agrícola.

Colheita em risco

Em comunicado divulgado no sábado (7), a Farsul afirmou que empresas responsáveis pela distribuição informaram que o problema teria origem nas refinarias, que teriam suspenso a distribuição do combustível sem aviso prévio ou justificativa.

A federação ressalta que a situação é grave porque ocorre durante o período de colheita, quando as lavouras ficam mais vulneráveis a prejuízos caso as atividades no campo sejam interrompidas. “O problema ocor-



Colheita do arroz pode ser prejudicada se diesel não chegar

re em todas as regiões do Estado. São 900 mil hectares de arroz atingidos e, em breve, iniciaremos a colheita de soja”, diz a entidade.

A Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Fedarroz) também manifestou preocupação com o cenário. A entidade afirmou ter recebido diversos relatos de atrasos e cancelamentos na entrega de diesel, além de aumento superior a R\$ 1,20 por litro do combustível em poucos dias.

Segundo a federação, a situação ocorre em um momento delicado para o setor arrozeiro. Atualmente, a saca de arroz é comercializada em média por cerca de R\$ 55, valor abaixo do cus-

to de produção, estimado entre R\$ 85 e R\$ 90, o que pressiona ainda mais a rentabilidade dos produtores.

A entidade também orientou agricultores a comunicar eventuais irregularidades envolvendo preços ou abastecimento do combustível. As informações, segundo a Fedarroz, poderão ser encaminhadas a órgãos como Ministério Público, Polícia Civil, Polícia Federal, ANP e entidades de defesa do consumidor.



Indústria manifesta preocupação

A preocupação também chegou à indústria. A Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) afirmou acompanhar com atenção os relatos de dificuldades na distribuição de combustíveis no Estado.

Para a entidade, o abastecimento regular de diesel é essencial para a indústria, a logística e as cadeias produtivas. A federação ressalta que o agronegócio, considerando suas diversas etapas, responde por cerca de 40% do Produto Interno Bruto (PIB) do RS, o que faz com que eventuais dificuldades no campo tenham reflexos diretos sobre a atividade industrial e a logística.

“Sem indicativo de falta”, diz agência nacional

Enquanto entidades de diferentes setores demonstram preocupação, a ANP afirma que não há indicativos de falta de combustível no Estado. Em nota divulgada no domingo (8), a agência informou que entrou em contato com os principais fornecedores da região após relatos sobre dificuldades na aquisição de diesel por produtores rurais.

Segundo a agência, o Rio Grande do Sul possui estoque suficiente para assegurar o abastecimento regular do combustível. A produção e a entrega do diesel seguem em ritmo normal pelo principal fornecedor da região, a Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), em Canoas.

Postos relatam mercado “estressado”

Segundo o presidente do Sulpetro, que representa os postos, João Carlos Dal’Aqua, não há um desabastecimento generalizado de diesel no Estado, mas o mercado enfrenta dificuldades pontuais diante do aumento repentino da demanda. De acordo com ele, distribuidoras têm priorizado o atendimento de postos com contratos, geralmente vinculados a bandeiras, enquanto estabelecimentos independentes podem encontrar mais dificuldade para adquirir o produto.

“Temos um fornecimento estressado que está chegando aos postos. A Petrobras está bombeando dentro da normalidade, mas não

há como atender uma demanda que aumenta 20% ou 30% de uma hora para outra”, afirma.

Dal’Aqua explica que a demanda cresce nesta época do ano em função do início da colheita agrícola. Ao mesmo tempo, empresas do segmento de TRR também podem enfrentar maior dificuldade de acesso ao produto por não manterem contratos fixos com as distribuidoras. “As distribuidoras estão repassando valores diferentes o tempo todo, tanto na gasolina quanto no diesel. Toda decisão de preço é do revendedor, que leva em conta volume, estratégia comercial e concorrência local”, explica.

Supermercados descartam desabastecimento

O conflito internacional envolvendo EUA, Irã e Israel já trouxe impactos para a economia gaúcha. Cerca de 6% das exportações do RS têm como destino o Oriente Médio, além disso, o consumidor já sente no bolso o aumento do valor do litro da gasolina e do diesel. A alteração se dá principalmente pelo bloqueio no Estreito de Ormuz, canal por onde circula diariamente cerca de 25% do petróleo exportado a nível mundial. O aumento no diesel afeta o setor de transporte, responsável também pela distribuição de alimentos, bebidas e outros produtos nas redes supermercadistas.

Será que pode então faltar alimentos nos supermercados do RS? O presidente da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas), Lindonor Peruzzo Junior, explica que o risco agora é inflacionário e não de desabastecimento.

“Por enquanto não

falamos em falta de produtos. O que falamos, em relação ao diesel, é que podemos ter inflação nos produtos. Estamos muito atentos e verificando o movimento do mercado. Entendemos que pelo aumento do barril do petróleo podemos sim ter um efeito inflacionário em todos os itens”, observa Peruzzo Junior.

O consultor econômico da Agas e CEO da Bateleur, Fernando Marchet, lembra que embora o Brasil seja autossuficiente na produção de petróleo bruto, importa outros tipos de petróleo e insumos. “A guerra está afetando uma área de produção de petróleo e temos o primeiro efeito que é a dificuldade de fornecimento, que não seria o caso tanto para o Brasil, temos a autogeração. Mas temos uma parte importante que é importada. Também tem a questão de preço internacional.” (Juliana Nunes)

Petrobras adota sistema cota-dia

Em meio ao aumento da demanda por estoques e da disparada do preço internacional do petróleo, a Petrobras passou a adotar um sistema conhecido como “cota-dia” na venda de diesel para distribuidoras.

A medida divide o volume mensal contratado pelas empresas em retiradas diárias, impedindo que grandes compradores antecipem carregamentos para formar estoques maiores antes de eventuais reajustes de preço.

No mercado, o mecanismo tem sido interpretado como uma forma de racionamento preventivo. Segundo

informações publicadas pela Agência Estado, a decisão foi tomada após a disparada das cotações internacionais do petróleo e a percepção de corrida de consumidores para abastecer tanques enquanto o preço interno permanece defasado em relação ao mercado externo.

De acordo com analistas do setor, a Petrobras atualmente atende cerca de 70% da demanda nacional por diesel. O restante é suprido por importações, que teriam sido reduzidas nas últimas semanas devido à diferença entre o preço internacional e o valor praticado no Brasil.

Produce mais do que consome

De acordo com a ANP, o Rio Grande do Sul produz mais diesel do que consome e não foram constatadas justificativas técnicas ou operacionais que expliquem eventuais recusas no fornecimento do produto. A ANP acrescentou que aumentos de preços considerados injustificados também poderão ser investigados em conjunto com órgãos de defesa do consumidor.

O Sindicato das Empresas de Transporte de Carga e Logística do Rio Grande do Sul (Setcergs), que representa o setor que depende diretamente do combustível para manter as operações logísticas, informou que acompanhará o cenário antes de se posicionar oficialmente.